

Reflectir sobre as práticas de formação¹

João Pedro da Ponte
Leonor Santos
Grupo de Investigação DIF
Departamento de Educação e Centro de Investigação em Educação
Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Reflectir sobre a nossa própria prática de formação foi o mote geral de um seminário para formadores de professores de Matemática promovido pelo Centro de Formação da APM que fomos convidados a dinamizar. Este artigo descreve um pouco o que esta experiência representou para os participantes e também para nós como formadores.

De acordo com os objectivos específicos enunciados, este seminário propunha-se partir das práticas de formação desenvolvidas pelos formadores para identificar pontos comuns e distintos e analisar as suas potencialidades e limitações. Propunha-se, igualmente, reflectir sobre as dificuldades encontradas pelos formadores e sugerir formas de as ultrapassar. Pretendia, ainda, analisar modalidades e dispositivos de formação adequados para promover a inovação curricular e o desenvolvimento profissional e organizacional do professor. E, finalmente, pretendia contribuir para delinear perspectivas de futuro para o trabalho do Centro de Formação.

O seminário decorreu durante dois dias, em regime intensivo, e nele participaram 25 formadores de diversos níveis de ensino e dos mais variados pontos do país. As metodologias de trabalho usadas envolveram discussões em plenário, trabalho em grupo e duas apresentações pelos dinamizadores, uma sobre a problemática da formação e outra sobre a avaliação da formação.

Actividades

Na primeira manhã, com base num breve questionário previamente preenchido pelos participantes, fez-se uma reflexão sobre as características principais da formação realizada no Centro. Notou-se a presença forte de diversos objectivos curriculares

¹ Ponte, J. P., & Santos, L. (2004). Reflectir sobre as práticas de formação. *Educação e Matemática* (Associação de Professores de Matemática), 79, 2-4.

actuais, como o uso de novas tecnologias e de materiais didácticos. Mas também se notou em várias acções uma grande dispersão de objectivos, dificultando o processo da sua avaliação, bem como uma relação algo indefinida com a prática profissional do professor. Na verdade, em muitos casos, a prática profissional parece constituir mais um “pano de fundo” do que uma realidade directamente visada pela formação.

Para os participantes, este modo de usar os seus questionários constitui uma surpresa generalizada. Foram vários os que indicaram que a análise das respostas de outros formadores os tinha ajudado a reflectir sobre as suas próprias respostas, apercebendo-se agora da importância de várias questões relativas ao seu próprio trabalho.

Na parte da tarde, trabalharam-se temas actuais da formação de professores, em grande medida com base na experiência dos EUA. Neste país, o movimento de implementação dos *Standards* levou ao reconhecimento da necessidade de novos tipos de formação. Assim, assume-se que, para transformar a prática profissional do professor a formação deve ter por base essa mesma prática, encarada tanto quanto possível de forma holística (Smith, 2001). Isso permite ver, por exemplo, como é essencial a consideração da comunicação e do discurso da sala de aula, através do qual se reconhece o “currículo em acção”, e que, como se verificou das discussões, está muito ausente no trabalho de formação realizado entre nós.

Discutiui-se, ainda, uma experiência de formação na modalidade de projecto e que deu uma atenção especial à reflexão e colaboração entre professores (Canavarro e Abrantes, 1995). Reconheceu-se, também, a grande escassez actual de formação realizada nesta modalidade, sem dúvida uma das modalidades mais interessantes pelo seu potencial formativo².

No segundo dia, abordou-se o tema da avaliação da formação. Todos os participantes reconheceram que este aspecto do trabalho é mais realizado por rotina do que com a sensação que pode ser uma fonte de aprendizagem profissional. No entanto, a avaliação da formação é essencial como processo regulador desta actividade, do mesmo modo que a avaliação dos alunos é essencial como processo regulador do seu ensino-aprendizagem.

² Houve experiências anteriores nesta modalidade de formação que não terão corrido tão bem como se esperava, mas a falta de uma avaliação adequada não permite perceber bem quais as causas dos problemas que eventualmente existiram.

A avaliação não deve assumir um cunho tecnicista, mas sim dirigir-se à compreensão das situações para servir de base a uma actuação fundamentada. Deste modo, a avaliação e a formação interrelacionam-se (Bélair, 1996). Os diversos grupos trabalharam então em estratégias e instrumentos de avaliação que pudessem ajudar a reflectir sobre os seus resultados e a melhorar as suas actividades de formação. Esta actividade teve por base, uma vez mais, os questionários previamente preenchidos pelos participantes.

De tarde, os grupos fizeram uma análise do trabalho do Centro de Formação da APM e apresentaram diversas iniciativas que consideravam essenciais para o futuro próximo. Um dos grupos sugeriu a pertinência da realização de seminários temáticos, sobre questões actuais da educação matemática, com um máximo de dois dias, dos quais poderiam resultar páginas Web, e que poderiam envolver tanto os formadores do Centro como convidados exteriores. Outro grupo salientou a selecção e divulgação de materiais de formação, a realizar por uma equipa a definir pela comissão pedagógica, encarregada de recolher e validar esses materiais. Um terceiro grupo sugeriu que se poderia trabalhar para relançar a formação na modalidade de projecto, tendo por exemplo por público-alvo ex-formandos das acções de formação da APM. Poderia ser um trabalho a realizar durante um ano, com cerca de 30 participantes, divididos em vários grupos, e que começaria com um encontro geral, trabalhando a partir daí sobretudo em rede virtual com momentos de regulação presencial e uma fase final de divulgação da sua experiência. Finalmente, outro grupo sugeriu a criação de grupos de estudo no Centro de Formação sobre temas como a gestão curricular ou a comunicação na sala de aula, promovendo a leitura e discussão de textos e a organização de acções de formação, que poderiam culminar com um encontro ou uma publicação.

Avaliação

No final do seminário foi feita uma breve avaliação, tanto escrita como oral. Das respostas a um pequeno questionário escrito verificamos que diversos formandos consideram que esta formação os ajudou a identificar certos aspectos da formação que até à data não tinham consciência:

Alertou-me para questões que não tinha colocado e ficaram levantadas questões que me poderão ajudar a não ficar pela simples identificação de dificuldades.

Nesta formação abordei, discuti e reflecti sobre aspectos da formação de professores aos quais não dava importância devida.

Foi útil esta formação pois abordou aspectos importantes a ter em conta na organização de uma acção de formação. Chamou a atenção para alguns aspectos que tenho trabalhado menos e a que provavelmente darei mais atenção no futuro.

A grande maioria dos participantes reconhece o valor da reflexão realizada sobre as suas práticas de formação e indica ter vontade de continuar essa reflexão no futuro:

Foi importante reflectir sobre a avaliação das acções de formação pois permitiu perceber melhor que tipo de trabalho se pode desenvolver e dos seus efeitos nos formandos.

Ao longo das sessões de trabalho fui levada a reflectir sobre a minha prática como formadora, tendo detectado vários aspectos aos quais nunca havia prestado grande importância, e que neste momento me parecem essenciais para um desempenho “sério” do meu trabalho.

Identifiquei dificuldades específicas. A reflexão que foi proporcionada durante o seminário permitiu encontrar pistas de possível resolução.

O [seminário] permitiu reflectir sobre determinados aspectos da acção como formador, nomeadamente a avaliação, o que implicará um posterior aprofundamento do modo como desenvolver esta temática [...] Foi importante ouvir e analisar relatos concretos.

A formação [...] contribuiu para o meu desenvolvimento profissional, mas levantou-me muitas questões que eu não consegui solucionar. Vou ter que investigar. Penso que também era esse um dos objectivos do seminário.

A grande maioria dos participantes mostrou-se também muito sensível à ideia que é necessário fazer uma avaliação aprofundada das acções de formação, o que passa, necessariamente, por uma adequada definição de objectivos de formação para os formandos:

A forma que foi encontrada visou essencialmente aspectos teóricos da dificuldade de formulação de objectivos e em termos do processo de avaliação a partir da análise de questionários preenchidos pelos formadores acerca da sua experiência de formação.

Maior consciencialização de algumas debilidades existentes na minha prática de formador (nomeadamente na necessidade de formular de forma mais precisa os objectivos da formação e de organizar melhor a avaliação).

Foi muito rica a actividade de planeamento da avaliação para uma dada formação. Neste momento pude perceber a necessidade de se ter objectivos bem definidos e operacionalizáveis, facilitando deste modo o planeamento da avaliação.

A formação levantou questões pertinentes sobre a definição de objectivos e a forma de avaliação.

Tornou mais claras algumas questões, tomei consciência da importância de formalizar alguns aspectos nomeadamente em relação à avaliação das acções e à definição dos objectivos das acções de formação.

Outro dos aspectos que se pretendia salientar neste seminário era a relação da formação com a inovação curricular. Em particular, era dada uma especial importância à relação entre a formação e as práticas lectivas dos formandos, tendo em vista a sua transformação no sentido das actuais orientações curriculares. Este último aspecto não foi muito visível nas respostas dos participantes, embora haja alguns que lhe façam referência:

[O seminário levou-me] a reconhecer a proximidade da relação que cada formação (acção) tem com a prática pedagógica.

A discussão de experiências [...] contribuirá para a mudança de práticas lectivas.

Outro aspecto apontado em algumas sessões foi o interesse do trabalho colaborativo entre formadores no planeamento, realização e avaliação da formação. Na avaliação escrita final este aspecto foi notado apenas por um dos participantes:

O trabalho colaborativo e cooperativo que esteve subjacente a este seminário reforçou a importância e deu a conhecer potencialidade de uma formação cooperada, em que acredito.

O alcance do trabalho colaborativo na formação e a relação da formação com as práticas lectivas são, certamente, questões que será necessário aprofundar em futuros momentos de trocas de experiências e de reflexão.

Conclusões

Dinamizar este seminário foi para nós um grande desafio. Temos a noção que não existe no nosso país muita tradição de reflexão sobre as práticas de formação. Alguns formadores podem achar que isso é desnecessário, constituindo apenas uma perda de tempo. E, no entanto, devemos perguntar se a formação por nós realizada tem atingido os objectivos pretendidos. Não basta o formador achar que tudo “correu bem” e os participantes afirmarem que “gostaram muito” da formação. Como dizem Loucks-Horsley, Hewson, Love e Stiles (1998), mais importante do que gostar da formação, é sair dela incomodado, com coisas para pensar e com vontade de experimentar outro modo de trabalho na sala de aula. E isso, convenhamos, nem sempre acontece.

A forma empenhada como os participantes neste seminário se envolveram nas actividades e discussões propostas ultrapassou as nossas expectativas. Para nós, confirmou-se o alcance de uma formação que parte da prática, isto é, que procura reconhecer na situação prática vivida pelo formando os problemas existentes e perspectivar a sua resolução à luz da teoria (Smith, 2001). Ter partido de um questionário previamente preenchido que retratou uma actividade de formação desenvolvida pelo próprio, permitiu dar especial significado às discussões realizadas. Os formadores reconheceram que haviam muitas coisas para pensar e muito campo para melhorar nas suas práticas e foram vários os que afirmaram que devia haver novos seminários deste tipo.

Ficámos, também, com a noção que existe uma rica experiência dentro do Centro de Formação da APM e que esta experiência pode ser desenvolvida com o reforço do trabalho de equipa na organização e na avaliação da formação e na partilha de materiais e recursos.

As ideias propostas na última sessão podem constituir um ponto de partida para a estratégia do Centro de Formação da APM num futuro próximo. Mas o mais importante deste seminário terá sido o reforço da ideia que, para melhorar a nossa prática, é necessário reflectir e investigar sobre ela (GTI, 2002). Só dessa forma os formadores poderão adequar cada vez mais as acções que realizam ao grande objectivo de contribuir para transformar a prática profissional do professor tendo em vista a aprendizagem da Matemática por parte dos alunos.

Referências

- Bélaïr, L. (1996). Étude d'un modèle de formation à l'évaluation des apprentissages. *Mesure et évaluation*, 19(1), 95-116.
- Canavarro, A. P., & Abrantes, P. (1995). Desenvolvimento profissional de professores de Matemática: Uma experiência num contexto de formação. In A. P. Mourão, I. Rocha, J. A. Fernandes, J. Fernandes, & L. S. Almeida (Eds.), *Actas do SIEM V* (pp. 283-295). Lisboa: APM.
- GTI (Ed.). (2002). *Reflectir e investigar sobre a prática profissional*. Lisboa: APM.
- Loucks-Horsley, S.; Hewson, P.; Love, N. & Stiles, K. (1998). *Designing professional development for teachers of science and mathematics*. California: Corwin Press.
- Smith, M. S. (2001). *Practice-based professional development for teachers of mathematics*. Reston: NCTM.